



DEUSA VIVA

Uma publicação do **Círculo de Mulheres da Teia de Thea**

Lua Cheia, Junho de 2011, nº 140



Mirella Faur

Hathor, a deusa de muitos atributos

Hathor foi uma das mais antigas, renomadas e multifacetadas divindades egípcias, honrada como uma complexa personificação dos dons femininos e cultuada durante mais de três milênios, com várias formas e títulos, o que deu origem a uma profusão de lendas, atributos e representações. Seu culto atingiu o auge durante a quarta dinastia, quando as ciências, a matemática, a astronomia e a medicina tinham alcançado o cume do seu desenvolvimento.

Hathor era a Senhora do Céu, contendo em seu ventre todas as possibilidades cintilantes na forma de estrelas - as almas à espera do nascimento-, na roda cíclica das constelações, nas fases mutantes da lua e no eterno nascer e renascer da luz dourada do sol. Ela tornou-se a deusa principal entre as outras deusas, absorvendo alguns dos seus atributos (como os de Bast, sendo chamada de Bast com duas faces); era considerada a mãe divina do faraó, representada amamentando-o ou em pé ao lado dele. Chamada de "gaiola da alma" Hathor representava o corpo em que a alma residia daí seu domínio sobre os prazeres sensoriais: os sons da música, a beleza das formas, cores, toques, aromas, movimentos e o prazer do contato físico, tendo sido celebrada pelas mulheres com danças, tamborins e ritos de amor.

Regente do amor e da beleza manifestada na música e na dança, honrada como a Mãe das Mães, padroeira das mulheres e crianças, da sexualidade, fertilidade e nascimentos, era chamada de Olho de Ra, por ser vista como a luz e o calor que irradiavam do centro do disco solar. Porém ela também tinha um aspecto escuro, o Olhar Vingativo de Ra (conhecido como sua filha sanguinária Sekhmet, que depois foi considerada uma deusa independente) e a Senhora dos Mortos, Guardiã do portal do oeste. Mas ao mesmo tempo era a Doadora da Vida, A Dourada, a Vaca Celeste, a Soberana das Estrelas (celebrada no primeiro dia do primeiro mês, no momento quando surgia no horizonte a estrela Sirius), a Proporcionadora da Alegria e da Celebração, a Deusa das Pedras - verdes e azuis (malaquita, lápis-lazúli e



turquesa), Protetora dos Mineiros, a Senhora de Dendera e a Guardiã dos Limites (dos lugares longínquos e dos desertos), sendo acima de tudo e sempre, A Poderosa. Apresentando-se como sete lindas jovens era cultuada como as Sete Hathors, em sete cidades ao longo do rio Nilo e associada com a constelação das Plêiades, as "Sete Irmãs estelares". Juntamente com a deusa Nut, Hathor foi associada à Via Láctea no terceiro milênio a.C. adquirindo este atributo de uma antiga deusa, mãe de Ra no mito inicial da criação, quando ela o paria no nascer do sol e depois o levava durante o dia entre seus chifres.

Hathor era representada nas estátuas ora como uma mulher com chifres de vaca, entre os quais ficava o disco solar (revelando a sua associação com os dois deuses solares Ra e Horus, sendo ela o receptáculo da vida), à vezes tendo sobre o disco uma cobra enrolada e pronta para atacar (Uraeus), ora como uma linda mulher com orelhas de vaca e estrelas nas orelhas, enfeitada com penas ou - no seu aspecto destrutivo - como uma mulher com cabeça de leoa. Num texto das Pirâmides, o deus Ra é descrito como sendo o olho localizado entre os chifres de Hathor, que permitia o renascimento dos mortos, e invocado com este verso: "Grande Ra, o seu olho brilhando entre os chifres de Hathor retira o peso dos anos de mim, pois durante a noite sou concebido e renasço em cada manhã!". Nas pinturas dos templos e dos túmulos mais recentes, Hathor aparecia como "A Senhora do Pano Vermelho", usando uma túnica vermelha e uma longa e esvoaçante echarpe vermelha, enrolada no pescoço e com as pontas caindo nas costas, enfeite ritualístico usado pelas sacerdotisas do Antigo Império.

Quando nos mitos o deus solar era chamado de Ra, Hathor era sua contraparte feminina, mas em outro mito, o sol e a lua são chamados de "olhos de Hathor" e ela torna-se a Mãe da Luz. O nome de Ha Thor significava "a casa de Horus", termo que descrevia a jornada diária do jovem deus solar Horus: na forma de um falcão dourado ele voava do leste para oeste e, em cada anoitecer, entrava pela boca de Hathor, renascendo do seu ventre na manhã seguinte, continuando depois o seu rumo diário no sentido contrário. Para os egípcios a realidade tinha vários níveis, as divindades se confundiam entre si, mas guardavam atributos e mitos divergentes, Hathor sendo às vezes mãe, filha ou esposa de Ra.

Como Senhora da Noite e do Mundo Subterrâneo, no seu aspecto de Senhora do Plátano, Hathor cuidava e nutria os mortos com a seiva leitosa da sua árvore sagrada, uma espécie de plátano. Por isso, os sarcófagos reais eram feitos de plátano, árvore que representava o ventre e sua seiva, o leite doador de vida da deusa proporcionando o renascimento. O plátano era uma árvore longeva, alta e forte, usada como material nas construções e templos do antigo Egito e nativa do deserto do Líbano. Associada com a inundação anual do Nilo, ela era vista como a anunciadora do nascimento, o saco amniótico ao se romper sendo o equivalente das chuvas torrenciais.

Os objetos sacros de Hathor eram o sistro, cujos sons eram associados ao despertar da fertilidade e que acompanhavam as danças para honrá-la, e seu colar, menat, uma gargantilha musical de turquesa com sinos, presa com um nó nas costas e usada para abençoar os fiéis em nome da deusa. O leite era um elemento importante no seu culto e figuras de vacas brancas ou vermelhas com manchas brancas, aparecem nas estátuas da deusa no Império Novo. Hathor era chamada de "A Dourada" e os rochedos perto de Tebas, que refletiam os raios do sol poente, eram seu domínio sagrado, em cujas colinas repousavam seus filhos mortos à espera do renascimento. Muitas vezes ela recepcionava os mortos na entrada das colinas na sua forma bovina.

Em vários mitos percebe-se a partilha de alguns atributos entre Ísis e Hathor, seus filhos sendo Osiris, identificado com o sol poente, a noite, o pai morto e o passado e Horus, representando o novo, a manhã, o sol nascente, o presente e o filho que renascia. Hathor, portanto, tornava-se a Mãe da Renovação, a "casa de Horus" honrada como o receptáculo telúrico em que o sol mergulha e morre durante a noite e depois renasce na manhã seguinte. Como personificação do amor, Hathor regia a vida do início até o fim, em todas as variedades dos relacionamentos femininos entre irmãs, mãe e filho, mulher e marido, mulher e terra, sacerdotisa e Deusa, alma e céu. Durante três mil anos faraós e escribas exaltaram a sua beleza e graça em uma multidão de orações, poemas e cânticos. Ela abençoava artistas, pintores, escritores, músicos e dançarinos; os sons da lira, harpa, flauta e o tilintar do sistro eram seus sons preferidos, enquanto os movimentos sinuosos dos dançarinos ou os afagos amorosos dos namorados a encantavam e alegravam.

Como a Guardiã do jardim dos deleites telúricos, Hathor abrigava os amantes sob seus plátanos, afagando-os com sua suave brisa e nutrindo-os com tâmaras, figos, passas e mel. A sua manifestação terrestre era a satisfação dos sentidos, tudo que era percebido como doce, agradável, amoroso e belo fazia parte da sua essência. Da profundidade do seu rio, Nilo, nasciam as perfumadas flores de lótus, seus arbustos de mirra exalavam aromas de resinas, o chilrear dos pássaros nos galhos das acácias encantava os ouvidos dos casais, que brincavam no seu bosque e se banhavam na água dos rios iluminados pelo luar. No seu festival anual, a Senhora do Amor e do Prazer era comemorada durante quatorze dias, dia e noite, com festivais, música, danças, comidas e bebidas, a alegria e o prazer preenchendo campos, bosques e seus templos. Nesta data a procissão de barcos saía do templo de Hathor em Dendera, levando sua estátua dourada ao longo do rio Nilo até o templo de Horus em Edfu, onde o festival durava até a lua nova, quando se celebrava a vida renascida. Grandes preparativos antecediam a

celebração e muito luxo e pompa caracterizavam todas as etapas da procissão e do "ritual da reunião", acompanhadas de música, orações e festejos. A cerimônia propriamente dita era feita no recinto do templo e reservada apenas aos sacerdotes e autoridades, deixando depois as divindades (representadas pelas suas estátuas) sozinhas, para "consumar" sua união. Celebrava-se o hieros gamos (casamento sagrado) de Hathor e Horus no momento exato da conjunção do sol e da lua, pois ele enaltecia a união dos dois luminares celestes, Hathor honrada como lua e Horus como sol, este dia sagrado sendo chamado de "O belo abraço".

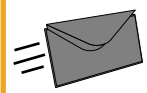
Foram erguidos e dedicados a Hathor inúmeros templos ao longo do rio Nilo, o mais renomado sendo o de Dendera, onde seu culto floresceu durante milênios. Hathor era venerada com fervor e muito amada pelo povo egípcio, sua presença existindo em todos os lugares, pois ela era reverenciada como "Hathor, a deusa de todos os lugares e das terras distantes". Nos seus templos foram achados talismãs e orações para promover a fertilidade, bem como votos em forma de falos e representações de seios e de mulheres nuas. No templo de Tebas gravuras nas paredes descreviam um rito funerário, em que cantos e danças recepcionavam o cortejo mortuário, com esta



oração: "Louvada sejas Tu Senhora das fragrâncias, Grande Deusa que iluminas as duas terras, que se unem agora embaixo da tua bênção". O renascimento esperado pelos egípcios era ligado à sexualidade necessária para procriar, por isso usavam-se cânticos e danças nas cerimônias mortuárias. Mas seus festivais não eram limitados às necrópoles, a permissividade sexual e a bebida sempre os permearam e elementos míticos faziam parte da vida real. A rainha Cleópatra reencenou o casamento divino navegando na sua barca decorada com tapeçarias, flores e frutas, acompanhada por músicos e cantores, aplaudida por milhares de súditos ao longo das margens de Nilo, indo para encontrar o seu grande amor, Marco Antônio, com o qual teve dois filhos: Alexandre Helios e Cleopatra Selene, os nomes simbolizando os luminares e o casal real.

O hieros gamos foi considerado como o festival que celebrava a inundação do Nilo, a união da deusa e do deus que recriavam o mundo, as oferendas de flores e frutos sendo a gratidão humana aos deuses. O primeiro registro da celebração do hieros gamos de Hathor e Horus apareceu em torno de 2000 a.C. associado com o ritual da colheita egípcia em maio, comemorando os primeiros frutos da terra e honrando os ancestrais. Os romanos e os gregos atribuíram a este festival outro significado, o do plantio, devido à data do equinócio da primavera do calendário europeu. Mas o verdadeiro simbolismo deste festival era honrar Hathor, como noiva divina e mãe do filho sagrado e celebrar a união das polaridades: masculino/feminino, sol/lua, espírito e matéria, deus e deusa. A energia de Hathor não somente renovava toda a vida, mas recriava os ciclos do tempo, mantendo o eterno ritmo do fluxo e refluxo, nascer e morrer.

Reminiscências destes rituais egípcios permaneceram nos festejos da primavera na Europa, nos preparativos e costumes do casamento humano e nos detalhes do próprio enlace, que existem até hoje como: o percurso majestoso da noiva até o altar, as flores da decoração, as músicas, a troca das alianças, o beijo tradicional, a chuva de arroz para atrair abundância, os doces e o vinho, as danças alegres até de madrugada e o carro enfeitado como a antiga barca egípcia, levando o feliz casal para a sua lua de mel.



Posta-restante

por Maria Amaziles

Maria,

Nesses tempos frenéticos, onde o relógio parece conspirar contra suas intenções, é chegado o momento de meditar sobre o trabalho, o ônus e os sentimentos que acompanham o desenrolar de sua vida. Eu falo de uma atitude recorrente, aquele suspiro anexado ao confronto de cada desafio, como se você estivesse escrevendo uma história de mártir, ou, como se costuma dizer, padecendo no paraíso. Talvez você já esteja madura o suficiente para abandonar esse papel, desempenhado tão toscamente.



Pois, assim como cada desafio é plantado por você mesma bem ao alcance dos próprios olhos, cada oportunidade de aprender e realizar pode e deve ser abençoada.

Mas o que vejo escorrer entre os segundos de ansiedade nesse caos faminto de

harmonia são pessoas correndo atrás de si mesmas, semeando, cultivando e colhendo os frutos sem colocar ali sua atenção. São homens arqueados sob o peso de inúmeras demandas, mulheres que se alternam entre a vida familiar e a profissional angustiadas, sem se dar um hiato de descanso...

Esse desvario só vai levá-la para longe de você!

Quando se faz o que deve que ser feito, na certeza marcada pela batida do coração, o gesto se consagra numa qualidade diferente de alegria e não há sofreguidão, nem espaço para contratempos, pois a harmonia abraça a vida.

Não espero martírios em sua história, filha querida. Dou a você uma vida cheia de possibilidades e aguardo amorosamente que você escolha as que mais lhe convêm. Mas, seja cuidando de seus filhotes, construindo pontes, escrevendo livros, esteja inteira. E alegria e beleza marcarão as suas pegadas, ao seguir livre, como é próprio de cada filha ou filhos meus.

Em força e alegria,
Aquele que é.



Quentão sem álcool

- 500 ml de suco de uva
- 1500 ml de água
- 500 g de açúcar (à gosto)
- 100 g de gengibre
- Canela em pau (à gosto)
- 10 g de cravo
- 2 limões em rodela



1. Coloque o suco, a água e o açúcar em uma panela
2. Deixe aquecendo
3. Depois coloque o cravo, o gengibre, a canela e as rodela dos limões em um tecido, pode ser em um pano de prato bem limpo
4. Em seguida, coloque esse sachê dentro da panela
5. Deixe levantar fervura, cerca de 10 minutos e está pronto o quentão

Obs: o sachê para os ingredientes (cravo, canela, gengibre e limões) é usado para que não fiquem resíduos na hora de servir a bebida.

Arte na Vida

«A Força»



Profunda energia Antiga de tudo que é e um dia renascerá Novo,
Aquele que impulsiona a renovação,
desde a morte ao nascimento
Majestosa Senhora que reina sobre tudo que deseja existir
Tu és a Fonte da certeza e do amor,
pois és Tu A própria Força



Senhora, Abrace a minha essência profundamente
E com o teu poderoso sopro Rompa tudo o que não me será útil nesta Jornada



Liberta minha alma, mente e coração
Para que eu possa ser O Que Sou plena e inteiramente



Sagrada Fonte que tudo gera e para onde tudo um dia retorna,
Inunda-me com a Luz de teus olhos, revelando-me a minha própria Luz
Pois Contigo poderosa Senhora, aprendi o Mistério de que Na encantadora melodia do Teu canto, está a maior de todas as Firmezas no mundo,
Aquele capaz de estremecer tudo que não for verdadeiro



Quando diante da imensidão do medo, dos credos mais profundos, que habitarem em meu coração
Que eu possa, com teu poderoso Espírito, diluir toda e qualquer dúvida que em mim houver
Pois sendo Tu, Senhora, a Força que tudo é capaz de superar,
Sei que eu não irei sucumbir a nenhuma fera, pois levo em meu ventre a certeza de que Tua filha eu sou



E então Senhora, eu lhe peço, amorosamente que me ensine a caminhar com firmeza e graça,
Por Todos os caminhos que me levarem à realização de meus propósitos mais verdadeiros
Que eu saiba confiar no poder da minha Visão, pois este foi o Legado entregue a mim



E assim, que sejam meus graciosos atos, cada vez mais, um espelho de Ti



Que Seja Assim!

Beijos de Força, Amor e Luz



Renata Navega



AGENDA 2011

Celebrações públicas sempre às 20 horas.
Os Plenilúnios são reservados somente às mulheres, bem como algumas cerimônias da Roda do Ano.

*15 de julho - Plenilúneo: Celebração das Deusas nórdicas do Destino, As Nornes

*01 de agosto - Festival da Colheita - aberto também para homens

*12 de setembro - Plenilúneo: Celebração da Deusa estelar, Astrea

*23 de setembro - Comemoração do equinócio: Os Mistérios de Eleusis

*11 de outubro - Plenilúneo: Celebração da Madona Negra

*31 de outubro - Comemoração do Samhain: Reverência às Ancestrais

*10 de novembro - Plenilúneo: Celebração celta do povo das fadas

*10 de dezembro - Plenilúneo: Celebração celta da Deusa Danu

*22 de dezembro - Comemoração do solstício: O fogo sagrado da família - aberto também para homens

Críticas, Elogios,
Comentários, Partilhas e
Sugestões
Escreva para
deusaviva@teiadethea.org

Edição e Diagramação:

Nane Silva

Revisão:

Lacy Silva e Adriana Jaccoud

Informações:

Luzia – 81481650; Nane – 96779453

Andrea - 34084065

Web:

www.teiadethea.org

Bibliografia:

«O Anuário da Grande Mãe» de Mirella Faur

Imagens da internet